



ZILBERBERG, Claude. **Elements de grammaire tensive**. Limoges: PULIM, 2006. 244 páginas.

Conrado Moreira Mendes & Sueli Maria Ramos da Silva  
USP – Universidade de São Paulo

Claude Zilberberg, um dos mais eminentes semioticistas em atividade, erigiu ao lado de Jacques Fontanille o chamado *ponto de vista tensivo da semiótica* a partir, principalmente, de *Tensão e Significação* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 1998, trad. 2001), obra até então de maior visibilidade desse desdobramento da disciplina estabelecida por A. J. Greimas. *Elements de grammaire tensive* (2006)<sup>1</sup> dá sequência à estruturação da teoria tensiva, cuja gênese remonta à obra *Essai sur les modalités tensives* (ZILBERBERG, 1981) e se trata de uma versão estendida do texto *Précis de grammaire tensive* (ZILBERBERG, 2002). Por essa razão, daremos mais destaque àqueles pontos que não se encontram em *Précis*, artigo publicado no Brasil na revista *Significação* nº 25 (2006) com o título de “Síntese da gramática tensiva” (Traduzido por I. C. Lopes e L. Tatit).

A obra se constrói em torno de três conceitos-chave: o primeiro deles é o de “dependência”, conceito hjelmsleviano advindo dos *Prolegômenos*, que ganha importância, já que a dependência pressupõe a diferença saussuriana. Diferente da oposição ou diferença, a dependência possui uma orientação e, por conseguinte, um intervalo entre um ponto e outro. O segundo conceito-chave dos *Elements* é o de “foria”, pois seus destinos motivam a direção, de modo que o universo semântico caracteriza-se como um sistema movente. O terceiro conceito imprescindível é o “afeto”. Para o autor, afeto e valor se auxiliam de forma recíproca. Nesse ponto, Zilberberg diverge de Hjelmslev, pois para o primeiro, a intensidade é a grandeza regente, ao passo que, para o segundo, quem governa é a extensidade. O afeto é, assim, a energia semântica que rege o discurso. O autor reserva destaque também ao conceito de “medida” para o valor dos intervalos já que as vivências são, antes de mais nada, medidas de acontecimentos e estados. *Elements* é efeito direto da virada fenomenológica por que passa a semiótica. Para o autor, no entanto, a atenção dada ao vivenciado mantém intactas as bases saussure-hjelmslevianas da disciplina, de modo que o sintagma **gramática do afeto** não constitui um oxímoro. Tal gramática se refere tão-somente à análise sintagmática do afeto, do sensível, cujos elementos se articulam pelos pares **mais** e **menos**, a partir de uma dinâmica gradiente, de natureza contínua. O ponto de vista tensivo pretende justamente pôr em destaque as grandezas afetivas, até então, tidas como irrelevantes. Desse modo, pela sintaxe do intervalo, o autor oferece as ferramentas para uma análise do sensível, o qual só se apreende discursivamente. Para estabelecer as bases dessa gramática, Zilberberg propõe ampliar e remanejar as bases da semiótica, assunto dos primeiros capítulos do livro. As duas últimas

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos professores Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit que gentilmente cederam a versão provisória da tradução do *Elements de grammaire tensive* aos autores desta resenha. Agradecemos também a atenta leitura preliminar desta resenha pelo professor Waldir Bevidas.

partes do texto ampliam o campo, seja com a inserção da dimensão concessiva do acontecimento, seja pela aplicação do ponto de vista tensivo, que é, segundo o autor, em princípio, herança incerta da retórica.

Resumir todo o conteúdo da obra, dada a sua complexidade e extensão, somada à importância que o livro assume frente à elucidação conceitual do denominado ponto de vista tensivo, faz-se uma tarefa árdua, ou até mesmo irrealizável, dados os limites desta resenha. Detenhamo-nos, portanto, em vislumbrar os seus desenvolvimentos principais ao longo de cada capítulo da referida obra.

No primeiro capítulo, o autor chama atenção para o conceito hjelmsleviano de dependência (que pressupõe a oposição saussuriana) cujo valor epistêmico permanece intacto. É a partir dessa noção que se articulam singularidade (entidade autônoma) e pluralidade (dependências internas). Outro conceito de que Zilberberg trata é o de direção, que pode ser descendente, quando a estesia caminha para a anestesia e ascendente, quando ocorre o contrário. Dessa direção, decorrem os estilos tensivos – ascendente, da resolução ao assomo, ou seja, do inteligível para o sensível, e descendente, do assomo à resolução. Ainda nesse capítulo, merece destaque o tema da complexidade, por funcionar no discurso das ciências humanas tanto como senha, como motivo de confusão. O autor nos apresenta quatro tipos de complexidade: (i) discursiva ou mítica, de bases antropológicas; (ii) de composição (entre dependências), de inspiração hjelmsleviana (*Prolegômenos*); (iii) de constituição, como a relação de contrariedade no quadrado semiótico; (iv) de desenvolvimento, baseada em Brøndal e nos princípios de fonologia de Saussure, segundo a qual, quando um elemento varia, tal variação possui uma repercussão necessária sobre os outros elementos. O autor propõe que o plano da expressão seja caracterizado pela complexidade de composição e que o plano do conteúdo seja marcado pela complexidade de desenvolvimento. Para o semiótico, a questão que se coloca é passar da complexidade de desenvolvimento à análise semiótica. Tal análise é o momento em que se descobrem e enumeram unidades, já que a dependência das grandezas da intensidade e da extensidade se encontra na complexidade do espaço tensivo. O fato semiótico, desse modo, filia-se a tal espaço, sendo este produzido pela projeção da intensidade na extensidade, grandezas das quais o autor fala mais em pormenor no capítulo seguinte.

No segundo capítulo da obra, Claude Zilberberg estabelece as peculiaridades do ponto de vista tensivo, que tem por primazia discernir as condições de uma reciprocidade ininterrupta do afeto e da forma. Ao lado de uma semiótica preocupada com a produção, apropriação e circulação de objetos de valor, erige-se, portanto, o que ele denomina uma “semiótica do acontecimento”. A apreensão de unidades é apresentada como um problema sempre renovado em semiótica, tendo sua origem nos estudos saussurianos. Renovando mais uma vez a problemática, o autor estabelece quais seriam, portanto, as características de uma unidade segundo a semiótica tensiva. Dessa forma, uma unidade deveria ser, de acordo com essa perspectiva, mensurável em intensidade e enumerável em extensidade. Nesse raciocínio, o autor admite o “mais” e o “menos” como unidades extremas da progressividade e da degressividade. Caracterizam-se, dessa forma, os estilos ascendentes segundo a orientação do **menos** para o **mais** e os estilos descendentes, orientados do **mais** para o **menos**. O autor procura demonstrar de que maneira, a partir de uma direção identificada, acabam se projetando unidades. Nessa formulação, ascendência e descendência são vistas como direções; atenuação e minimização/ restabelecimento e recrudescimento como categorias e as derivadas da ordem subsequente configuram unidades. Merece destaque mencionar o número abundante de tabelas e gráficos que constituem eles próprios formas elucidativas para a apreensão dos inúmeros conceitos que nos são apresentados ao longo da obra. Sem entrar em

maior detalhamento das unidades apresentadas por esse capítulo, cujo desdobramento faz-se presente na versão resumida do *Précis*, demos destaque apenas à proposta apresentada pelo autor nesse capítulo, que consiste em articular as duas subdimensões tensivas (andamento e tonicidade) e as subdimensões tensivas (temporalidade e espacialidade) sob uma mesma base formal. Dessa forma, o autor estabelece como proposta cifrar a foria em cada uma dessas subdimensões (andamento, tonicidade, temporalidade e espacialidade), de tal modo que cada uma delas seja entrecruzada por três foremas (direção, posição e elã), tendo por resultado a produção de doze pares de valências.

O capítulo terceiro, ao apresentar a epistemologia da semiótica, devedora dos ensinamentos de Hjelmslev, a despeito de quaisquer incursões estabelecidas, dá destaque às singularidades da teoria, sempre vinculada às operações semânticas que privilegia. O autor situa o lugar ocupado pela denominada semiótica tensiva ao expor o que ele considera deficitário no modelo greimasiano que lhe é anterior. Dentre os pontos que o autor considera deficitários no modelo destaca-se a insuficiência do quadrado semiótico no que diz respeito à ausência da representação da irrupção do acontecimento. Além disso, o autor ainda destaca o favorecimento das operações de triagem a despeito das de mistura por essa forma de representação. Entretanto, a direção geral do capítulo é construída segundo o ponto de vista da conciliação. Zilberberg procura demonstrar a compatibilidade entre a base valencial da significação, a partir das dimensões e subdimensões estabelecidas com as aquisições da linguística. Aumentos e diminuições são convertidos em objetos recíprocos para a gramática intensiva, ao passo que a triagem e a mistura são estabelecidas como objetos mútuos ao processo. Ainda no que diz respeito às singularidades do modelo tensivo, merece destaque a introdução dos conceitos de implicação e concessão, o primeiro referente à gramaticalidade das regras e o segundo aos enunciados de ruptura consensuais. Dessa forma, a partir das coerções do espaço tensivo são estabelecidas as relações do sujeito com o campo de presença, relação ambivalente, para a qual o sujeito se configura ao mesmo tempo como senhor e escravo.

O quarto capítulo põe em relevo a questão do acontecimento, cerne do ponto de vista tensivo. O autor lembra que essa noção de acontecimento não é novidade na teoria, pois, no segundo capítulo, já havia definido o acontecimento como sincretismo ou produto das subdimensões da intensidade, andamento e tonicidade. Além disso, quanto à extensidade, precisamente em relação à temporalidade fórica, Zilberberg retoma Saussure (*Escritos de Linguística Geral*) opondo estado e acontecimento. O acontecimento implica uma afetividade em seu apogeu e uma legibilidade nula. Ele sobrevém sem aviso ou antecipação. Em relação às quatro subdimensões, quanto à intensidade, andamento e tonicidade agem juntos perturbando o sujeito, que se vê em uma ruína modal. A tonicidade não assola parte do sujeito, mas a sua integralidade, deixando-o estupefato. Quanto à extensidade, a temporalidade é fulminada, aniquilada – o tempo fica “fora dos eixos”, segundo o autor. A retomada dessa temporalidade exige do sujeito desacelerar o andamento e enfraquecer a tonicidade. A espacialidade é igualmente atacada pelo acontecimento: o aberto se ausenta e só o fechado se mantém. Por isso, para Zilberberg, o sujeito estupefato está “pregado no chão”, num buraco negro, retirado de sua própria ambiência. Assim sendo, o acontecimento implica necessariamente a modalidade concessiva: embora tal coisa não fosse possível, ela se fez. A grande importância concedida a essa modalidade faz com que Zilberberg confesse estar numa posição pouco confortável, pois a maioria das teorias linguísticas concede à concessão um lugar ainda insignificante. A teoria tensiva, dessa maneira, coloca o acontecimento e, por conseguinte, a modalidade concessiva em seu núcleo.

No quinto capítulo, por sua vez, o autor estabelece um diálogo teórico entre semiótica e retórica, relativamente recente<sup>2</sup> em sua produção. Segundo Zilberberg, com o passar do tempo, passou-se, de certa forma, a deixar a retórica de lado, reduzindo-a a apenas uma disciplina acadêmica que ainda sobrevive. De um modo geral, os linguistas têm optado por explorar a sintaxe extensiva, que opera sobre triagens e misturas, e têm reservado a sintaxe intensiva, a que opera por aumentos e diminuições, à retórica. O autor defende que, em alguns casos, retórica e semiótica podem caracterizar-se uma em relação à outra, como um **ponto de vista**. Para Zilberberg, a perspectiva retórica não é fortuita: a intensificação de uma qualidade promove tanto uma retorização da semiótica, quanto uma semiotização da retórica. Na dimensão retórica da estrutura elementar, o autor insere o conceito de sobrecontrários (exemplo: hermético, fechado, aberto, escancarado). Desse modo, implicação e concessão remetem a tal estrutura. A implicação produzirá sintagmas motivados: abrir o fechado e fechar o aberto. A concessão faz passar de uma ordem enfadonha da regra para uma ordem do acontecimento: abrir o hermético (ou seja, abrir o que não se pode abrir e fechar o escancarado, isto é, fechar o que não se pode fechar) Em resumo, os subcontrários mobilizam a implicação, enquanto os sobrecontrários a concessão.

No sexto capítulo da referida obra, o autor apresenta uma síntese dos pontos primordiais apresentados no livro. O autor estabelece o lugar da semiótica em diacronia, cujas bases foram tomadas de início na linguística, na antropologia estrutural, na fenomenologia, na psicanálise e até mesmo na teoria das catástrofes de Petitot, sempre relegando a retórica a segundo plano, ignorando-a em seus dois núcleos principais, como arte do discurso e tesouro de figuras. Será, tal como o próprio Zilberberg coloca em questionamento, que as “esquizias fundadoras” podem ser transferidas, sem sofrer graves perdas de uma semiótica para outra? Essa é ainda uma questão por se elucidar no que diz respeito aos estudos semióticos. Um diálogo promissor e produtivo para a teoria, mediante a inserção do domínio retórico passa a se erigir ao longo do desenvolvimento desse domínio tensivo.

Considerando que essa complementaridade e assimetria entre a melodia e música seriam as mesmas que, segundo Hjelmslev, ligam o processo ao sistema, o autor propõe que as quatro subdimensões descritas (andamento, tonicidade, espacialidade e temporalidade) desempenhem no discurso a mesma função da harmonia musical. Cada um dos sistemas relacionado a uma subdimensão apresentaria, portanto, uma organização baseada na intersecção de um paradigma de pontos de vista (foremas) e uma escala indicativa da fase aspectual em curso. Categorias semióticas, até então consideradas marginais, passam a ocupar lugar de destaque na teoria, dentre elas o autor cita como forma de recapitulação: (i) a tensão entre o acontecimento e o estado; (ii) a tensão entre concessão e implicação; (iii) tensão entre os valores de absoluto (concentrados e exclusivos) e os valores de universo (difusos e liberais). O autor destaca como alerta que, ao instalar grandezas até certo ponto admitidas em sua periferia, corre-se o risco de apresentar uma hipótese teórica coerente, mas pouco aplicável. A tarefa que se faz atualmente é a devida aplicação dos conceitos, somada ao fato de que a excessiva literalidade pelo que se acusa a teoria, antes de ser um problema, seja colocada adequadamente na solução de relações antes não resolvidas a contento pelo modelo greimasiano padrão.

Ao final, o autor apresenta sob a forma de glossário alguns dos conceitos fundamentais para o entendimento da teoria tensiva, sistematizando o percurso teórico do livro. *Elements de grammaire tensive*, dessa forma, tem vocação epistemológica e fundadora.

---

<sup>2</sup> *Approche sémiotique de la rhétorique* (1995).

A obra mantém a coerência tanto interna, quanto em relação às predecessoras do autor, buscando estabelecer as ferramentas de análise do sensível, do afeto que rege os discursos, ao qual, como mostra o autor, só temos acesso por meio do próprio discurso.